

A Cidade de Ytú

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

ANNO X

REDACTOR
Francellino Cintra

YTU, 24 de Setembro de 1903

GERENTE
João Pery de Sampaio

N. 710

"A CIDADE DE YTU"

A nossa cidade floresce, o contraste entre a vetusta situação e a presente direcção politica, é enorme, e o desapontamento soffrido pelos adversarios, diante dos melhoramentos que se vão iniciando e em breve serão uma realidade, traz essa gente, estonteada e attonita.

As obras da «Companhia Ytuana de Força e Luz»—já tiveram começo; o terreno para mercado, já foi adquirido e os trabalhos preliminares de sua adaptação, para o fim a que fora destinado, estão sendo emprehendidos, o hypodromo, tem suas obras bastante adiantadas, e a sua directoria espera inaugural-o em fins do proximo mez; o abaulamento das ruas, com pedregulho, já se acha adiantado; os parallelepipedos, para o calçamento do largo da Matriz, já estão sendo preparados no Salto; uma empresa telephonica, acha-se tambem em via de organização, e com boa acceitação; já se cogita tambem dos meios de levar a effeito outros melhoramentos de imprescindivel necessidade, concernentes ao saneamento de Ytú, figurando em primeira plana a substituição da agua potavel, por outra que melhor garanta a saúde dos seus habitantes, e a rede de exgottos, a cuja realisação a illustre corporação a quem estão affectos os vitaes interesses d'este povo,—presta a maior attenção e solicitude e empenha os seus maiores esforços;—composta de homens dotados de boa vontade, competencia e amor a este torrão, a corporação municipal, saberá desempenhar se de sua incumbencia, de modo a desvencilhar-se com galhardia do onus que peza sobre seus hombros, e, estamos certos, a nossa cidade ver-se-ha de posse de todos os confortos reclamados pelos centros civilizados.

O movimento diario que se nota nas ruas, já em relação ao commercio que evidentemente renasce com a abertura de novas casas, e augmento do consumo; já em relação ao grande numero de construcções novas, reedificações e reformas porque passam os predios existentes; a escassez dos mesmos em relação a procura; a vinda constante de pessoas de fóra que aqui vêm se estabelecer e trazer o concurso de sua actividade para o desenvolvimento da localidade, tudo faz calar os espiritos mais retrogados e refractarios ao movimento evolucionista que se opera no seio de uma sociedade culta, como é a nossa; excepção d'aquelles que se acham imbuidos de preconceitos doentios e da mania de negação da verdade; todos se convencem do que affirmamos e se confessam, os que conheciam o antigo regimen dictatorial que se implantou aqui, maravilhados com as transformações porque tem passado Ytú, social e materialmente.—Hoje as garantias são amplas e a liberdade, como o sol nasce para todos; a sua luz vivificante de progresso dá vida e anima a todos os emprehimentos.

O povo está convencido que os perturbadores do seu adiantamento e do seu socego, são exactamente aquelles que se apregoam os seus defensores, não lhes dá mais ouvidos e com os olhos fletos no futuro, conscio de sua força, espera occasião azada para esmagar a hydra que exangue e contorcendo se nas convulsões da morte, ainda assim procura despejar sobre os elementos de vida, de ordem e de paz,—sem attingil as felizmente—o veneno que aniquilla, que extingue as corporações que não são robustecidas pela unidade de suas convicções, pelo ardor de suas crenças politicas e pela força de sua solidariedade.

IMPAGAVEL

Ultima Hora !...

Propheticario !...

O Exmo. Sr. Dr. Chefe de Policia do Estado, com a competencia e sabedoria que o distinguem, deliberou crear na Repartição Central da Policia, uma secção especial e um serviço regular para eucaminhar as queixas dos jornaes da Capital e do Interior.

Liamos esta noticia, applaudindo-a, pelo alcance que esta medida comporta, quando um nosso amigo, que nos ouvia, disse-nos, provocando o riso dos demais presentes:

—Esperem, voces vão ver que o Affonso, no proximo numero do seu descaibido jornal, inventa alguma para ter a primasia do registro.

Elle tem a mania de querer ser o *primus inter pares*.

Propheticario mais accertada não podia ter sido feita!

Sabem o que fez o Affonso?

No numero seguinte de domingo ultimo do *Republica*, arranjou uma **ULTIMA HORA**, mais parecida com uma *hora extrema*, e inventou, sonhou que algumas pessoas depois de uma ceia que teve lugar no Alberco, concertaram o plano de empastellar o *Republica* !.....

Ora isto, é ridiculo; são allucinações, são remorsos que atormentam aquelles que já vivem empastellados pelo despreso publico, que os torna visionarios.

Politica e politicos

Um grande contra, traz consigo o ser governo, e é que aos meritos proprios parece o elogio lisonja, e muitas vezes a verdade adulação; e, para outros que despeitadamente enxergam por um prisma differente, ainda parecerá um meio comodo para obter-se, senão um emprego rendoso, algumas *fxas*; hoje tão raras em o nosso mercado.

O que se diz do nosso governo local, o vulgo o attribue a respeito do poderio. Mas nós, homens nascidos da *revolução*, e só medrados á sombra das suas instituições, mais afeitos ao fóro publico, do que as *regias-anticamaras*, podemos tributar a um governo, que rege um povo intelligente e altivo, o panegyrico da verdade, sem o incenso que muitas vezes o perfuma, para encobrir e enturvar...

O governo do homem das «sete fazendas» se não teme da luz coada pela verdade dos factos; teme-se desse crepusculo que as hypotheses formam em torno da consciencia da nossa população, e limitam o horizonte da razão; teme-se da boa intenção mutilada; teme-se da ignorancia dos que decidem de um golpe os mais profundos problemas politico-sociaes, sem se premunirem da indispensavel reflexão sobre os seus fins.

Muitos são indifferentes á politica governativa, muitos a combatem sem tregúas, porque não n'a conhecem e nem se dispõem a conhecer a.

Preferem andar levados por *mão alheia*, como verdadeiros cegos, a penetrarem por

si n'esse convenio altamente social.

Gritão então, porque a fracção prevenida e cheia de despeito alarma com as suas mil e infundadas reclamações o espirito fraco d'aquelles que seguem n'a inconscientemente... Mas a verdade é como o sol—brilha e esclarece a todos os que se põe ao alcance d'ella.

No entanto, homens ha que, sem medir, nem ponderar o que lhes cabe da penna aventam nas columnas da imprensa, assumptos perigosos, que a sua impericia torna-os mais perigosos ainda a quem não sente aquillo que escreve...

Taes são os que tratam da nossa politica local, confundindo-a quasi sempre com a vida privada d'este ou d'aquelle cidadão, n'uma linguagem puramente «corsariana».

A dissidencia, ou pelo menos um grupo desligado d'ella, tem explorado tanto o modo de tornar-se governo, a ponto de convertel-a em arma apaixonada de seus não menos apaixonados planos contra os governistas!

Baldado intento!

Não se comprehende como uma imprensa, que tem por obrigação ser justiceira, leviamente encarrere a sua penna na odiosa missão de abrir entre os nossos concidadãos vallas e vallas de resentimentos!?

Todo homem deve possuir em sua intelligencia um ideal de verdade, em sua consciencia um ideal de justiça e em seu coração um ideal de amor. No entanto parece que se auzentam completamente taes predicados da mesa de trabalho do órgão opposicionista.

Porisso quero crêr que esses homeas prestam-se a auxiliar a desorganização do nosso meio social. E nesse ponto, seguem as pégadas do *senhor supremo*...

Os factos, snrs. do «*Republica*», ahi estão provando á sagacidade que não podem viver sem a viver sem a injustificavel opposição, sem a pratica do mal traduzido nas columnas da imprensa contraria.

Em quanto foram meras theorias as doutrinas opposicionistas, não se manifestaram em todo seu horror: desceram porém, á pratica, affectaram a dignidade pessoal; tudo então tem andado mal, e, franqueza, não atinamos qual seja o seu fim.

VIRIATO ALTAMIRA.

DE VOLTA

Cheguei... despontava então uma clara manhã de agosto, cheia de alegria! Pressuroso, corri á modesta casa de minha amada, avido dos seus carinhos e com o traquinho desejo de ser eu o primeiro a visital-a no dia da minha chegada! E ahi, entrando, em vez das intimas festas e dos risos... encontrei o pranto e a tristeza.

Onde está Dulce? Onde? perguntei ansioso!

Então, com o seio tremulo de magua e a voz dolorosa respondeu me uma gentil menina:

—Está no céu! Está no céu a boa Dulce meiga que a vossa alma encheu de sonhos! Coitada! morreu de saudades n'uma formosa manhã cheia de sol!

Pelos jardins choravam as pequeninas almas das violetas mortas; o desolado mar, por onde partistes e que muita vez ella fitava entristecida, batia se afflicto nos rigidos escolhos da praia e todo em festas cantava o céu! Na camara azul onde ella se finava disseram todos quando o ultimo suspiro exhalou: Foi para o céu! Foi para o céu! E em todo o ambito perfumado e cheio de vapores do incenso

e dos cirios, pairava uma funda melancolia indefinida!

As lindas virgens, suas amigas da infancia, vestiram-n'a carinhosamente de alvo setim, adornaram-n'a de grinaldas vistosas e de palmas floridas!

E todos que na camara ardente entravam para vel-a na sua ultima configuração, pallida, porém risonha, diziam: Foi para o céu!

A tarde, quasi ao crepusculo, as virgens levaram-n'a em um branco esquite, coberta de flores, pela arenosa estrada do cemiterio para a eterna sombra dos cypristes e dos lyrios!

Foi assim: morreu de saudades a boa Dulce que a vossa alma encheu de sonhos!...

E eu, que extatico ouvia estas palavras todas e que d'ellas não podia duvidar, mas que acreditar não queria que me me houvesse Dulce abandonado, senti o peito, nas convulsões da suprema lucta, sangrando, sangrando aos embates cruciantes da immeusa dor!

A tardinha, n'um florida jardim perto do mar, eu lembrava-me, cheio de saudades, que Dulce tinha a alma feita de suavissima harmonia; que a sua bocca pequenina possuia do mar o coral e as perolas; que nas suas faces delicadas havia o bello colorido da rosa e que nos seus grandes olhos meigos, (dizem-me ainda hoje quando indago) havia a cor profunda d'escura noite, e sempre os vi mais claros que todas as estrellas!

O crepusculo cahia lentamente e eu invocava a minha Dulce amada!...

Havia por toda a parte um grande silencio communicativo, religioso... Dir-se-ia, então, que toda a natureza orava!

De subito, uma harmonia terna e dulcissima encheu o espaço, as estrellas brilhavam marchetando o céu, o mar oudeava serenamente; pelo jardim desabotoaram-se as rosas odoríferas; e Dulce, bella e divina, appareceu-me!

Viera affavel e risonha como de antes; linda, muito linda.

E ás madressilvas olentes e aos subtis espiritos das violetas mortas, sorrindo, eu dizia:

Dulce não foi para o céu!...

Eil-a junto de mim!

E como outr'ora, antes de eu partir, as nossas almas adejam lá pelas rutilas regiões do Senhor, unidas e felizes!

Adejam, adejam... e percorriamos alegres o jardim florido!

Mas, quando a hora do Angelus chegou, a minha imaginação cançára e Dulce... desaparecera! E—oh! decreto atroz!—como disseram todos na camara azul quando ella expirava, tambem, involuntariamente eu disse:

—Foi para o céu! Foi para o céu!

SIMPLICIO TORRES.

PALAVRAS

Domingo ultimo, para matar o tempo e tambem para arrancar d'alma toda essa porção de Tédio, que estes cinzentos dias de Setembro, n'ella vae vazando, muito disfarçada e perniciosamente, rompendo a linha dos meus costumes inveterados, fui ao "São Domingos", onde uma companhia dramatica fazia a sua estréia.

Com uma rica carmelita branca presa ao peito, mettido na grande elegancia do meu frak, frak para mim celebre, enforcado dentro d'um lustroso e caro collarinho "Oxford" donde saltava

Idyllos da Primavera

I

Já não és a que foste, o teu semblante
Perdeu os doces toques de ternura,
Te esqueceste, bem sei, do affecto amante,
Teu olhar, meu olhar já não procura.

Tu que foste a violeta, entre as mais flores,
Tens agora das rosas a altivez;
Tu que ardeste na pyra dos amores
Tens hoje indifferença, odio talvez.

Tens tazon, ó donzella, a ave doirada
Não procura pousar no murcho galho
De arvore de folhagem despojado.

Mas ficou-me teu nome na memoria,
E, triste, com o olhar irei seguindo
De teu vôo a brilhante trajectoria.

II

Eis a quadra dos risos e das flores,
Eis a quadra dos doces devaneios:
Ha nos ares suavissimos gorgeios,
A natureza inteira sonha amores.

Sacode a viração pollen fecundo
Das azas perfumadas; irrequietos
Buscão-se nos silvedos os insectos
Sóbe um hymno de amar do valle fundo

No delicado bico o passarinho,
Com enleio amoroso vai levando
A leve palha com que tece o ninho;

E a donzella acompanha as avesinhas
Com olhar invejoso, e, suspirando,
Pensa em macio berço e creancinhas.

III

Na corolla da açucena
Um insecto fez seu ninho,
E com o halito, o damuinho,
Os perfumes envenena.

Se definha a desgraçada,
Se enlanguece a pobre flor,
Perde o brilho, perde a cor
Sobre o caule reclinada.

Nem o Sol a revigora,
Nem das brizas a fræcura,
Nem as perolas da aurora;

Murcha e pende para o chão:
—Tal o amor—doirado insecto
Envenena o coração.

IV

Em canteiro florecido,
Beija-flor, como em delirio,
Por beijar candido lyrio
Se esforçava enternecido;

Quanto mais elle teimava,
E ardião os desejos,
Das azinhas aos adejos
Mais o lyrio se afastava;

La elle se esquivando
Das caricias amorosas
Do voluvel; mas eis quando

N'outro lyrio se enroscou,
E o mimoso enamorado
Seus anhelos alcançou.

Sítio, 8 de Setembro de 1903.

DR. FRANCISCO NARDY.

a Arte de Melpomene e Thalia tambem não, pois é bastante conhecida a nossa educação. A abundancia de divertimentos, absoluta e finalmente não. Se todos queixam-se da falta d'elles Chegam alguns a chamar a nossa cidade de «Cemiterio», e todos que me conhecem andam a dizer-me constantemente: Não se tem onde ir, não ha divertimentos!

Foi só entre a doce frescura dos lençoes que concluiu a questão, que pude encontrar a causa da Vasante. Foi a Expectativa. As familias nada mais queriam, do que saber ao certo o valor real da Companhia que estrea va. Estavam a esperar de alguém que lhes conta-se. Arvoro me, pois, si n'esse alguém e convidado todas ellas que vão ao "S. Domingos" fazer florir com a belleza, com a graça, com os sorrisos, com os vestidos, o velho e secular casarão, onde certamente hão banir d'alma, todo esse Tedio que Setembro nos presenteia e onde não poderão negar applausos aos artistas que merecem.

JONATHAS DURVAL,

Pelo telephone

—Dlm! Dlm!
—Quem está?
—O redactor.
—Que deseja?
—Como arranjaremos um meio de fazer registrar uma reclamação na Che-fatura de Policia?
—Vou pensar.
—Pois pense.
.....
—Dlm! Dlm!
—Quem está?
—O gerente
—Que deseja?
—Cavei o meio de satisfazer vosso agosto desejo.
—Sim? Qual é elle?
—Vamos inventar um empastellamento ao nosso jornal, premeditado no *restaurante do Alberto*, que vae ser inaugurado hoje a noite.
—Bravo! Toque!
—Pelo telephone não posso tocar...
—Ah! é verdade. Mas, como arranja remos?

—Como a ultima hora, e vomitamos na quarta pagina.

—Bravo! Toque!
—Pelo telephone não posso, já disse.
—Ah! E' verdade!
—Direi que fomos, ou que iamos sendo victima de empastellamento.
—Muito bem. Agora, toma um cigarro e empresta-me um phosphoro!
—Pelo telephone...?
—Ah! E' verdade! Então a ranje o negocio. *Addio*.
—*Addio, gran banditto*, quero dizer: illustre redactor!

BAPTISTA, TELEPHONISTA.

Noticiario

XX DE SETEMBRO

As pessoas que achavam-se em casa Jo Alberto, em crescido numero, tendo a frente os musicos da corporação *Independenci*, foram, a uma hora mais ou menos da madrugada de domingo, saudar a sociedade *Victorio Emanuel III* pelo motivo do XX de Setembro.

Já a meia noite, na esquina do *Club Lovoura*, o capitão José Bento, um dos entusiastas apologistas dessa data, fez subir aos ares, innumerous foguetes.

Chegados na sede social, foram erguidos vivas a Italia, ao XX de Setembro, a Giuseppe Garibaldi e executando se em seguida o Hymno Garibaldino.

Convidados os manifestantes a entrar, pelo presidente da associação senhor Alberto Beneditti; foram feitas pelos manifestantes duas saudações a colonia italiana, domiciliados em Ytu, ao XX de Setembro e a sociedade *Victorio Emanuel III*.

Findas essas saudações, após ser executada o *Hymno Nacional*, pelo pessoal das duas bandas reunidas e em seguida o *Hymno Garibaldino*, foi oferecida cerveja aos presentes, trocando-se ahi varios brindes.

Em seguida retiraram se os manifestantes.

—A sociedade *Victorio Emanuel III* realisava n'essa noite em seus salões, um animado baile em commemoração a grande data italiana.

Pela madrugada de domingo, foi queimada, uma bateria de 24 tiros, havendo alvorada, pela banda da mesma sociedade que logo pela manhã fez arvorar em sua sede social, as bandeiras italiana e brasileira.

CONCERTO

Realizou se na noite de sabbado para domingo ultimo, no novo *restaurant do Alberto*, um grande concerto, sendo entre outras peças executada a inspirada composição para realejo do maestro *Vou alli e já volto*, intitulado: **EMPASTELLAMENTO DO REPUBLICA**.

Pela falta de tempo, não demos noticia no numero passado, parem o *Republica* deu.

Furo de reportagem.

RECLAME

Por causa do premeditado empastellamento do *Republica*, o *Alberto* tem proporcionado aos seus freguezes, todas as noites, saborosos pasteis.

Até parece ironia!

Como o pessoal do *outro* ia ficar reduzido a *biffs*, elle tambem tem nos delicia-do com os succulentos ditos de carne de vacca ou de boi, que é a mesma coisa, e bem assim: postas de peixe, preparados a capricho, como só o *Juvencio* sabe preparar.

Othe que o empastellamento do *outro* só servio para reclames ao *Alberto*.

CIGARRO SPORTIVO YTUANO

O nosso bondoso amigo Alberto, (istonão é engrossamento) proprietario do grande Armazem do dito e do *Restaurant*, idem; onde foi concertado o plano de empastellamento (?) do *Republica*, segundo a sua ultima hora ou hora extrema; teve a gentileza de offerecer nos seis macinhos de saborosos *Cigarro Sportivo Ytuano*, preparados especialmente na capital, para o seu acreditado es abelecimento.

Experimentamos, sem dar nuphum a *filantes* e podemos garantir que são bons e de uma confecção apurorada.

Agradecendo ao Alberto, a sua gentil offerta, concitamos a que... repita a dose, sempre... sempre que estiver disposto, que nós jamais faremos voltar

lindamente uma gravata, mais vermelha que uma papoila, catça clara com listas pretas e botas de verniz bem elegantes, correcto emfim, para apresentar-me n'essa platéa correctá, como sempre encontrei no "São Domingos" foi, que penetrei no velho casarão. No *fumoir* ou deixando o francez, no saguão, sob a pallida claridade de quatro pallidos lampeões, suspensos por um lustre que eu tambem achei pallido, reinava um silencio de sachristia. Ninguem, somente a um canto, muito philosophicamente recostado e meio adormecido um soldado preto, mamava um charuto barato e curvado sobre a mesa de bilbetes, o bilheteiro, todo magricelo, scismava tristemente.

«Começou», disse, então, a mim mesmo e foi sinceramente satisfeito, por poder mostrar aos espectadores a minha figura sympathica, toda resplandescente, toda vestimenta e por gosar gulosamente a curiosidade dos olhares de todos, das moças, em particular das moças, que eu emboquei pela Platéa a dentro com o coração a palpitar furiosamente. (Eu sempre fui assim, Immenso, desde 1885). Amassando com força o assoalho e olhar fixo no panno descido, parei no meio da Platéa.

Volvi a vista para a direita, quasi ninguem. Voltei a para a esquerda, menos que quasi ninguem. Nos camarotes solitarios o pó vetusto d'uma época brilhante, jazia intacto dormindo o somno dos imperturbados. Uma claridade mais viva, irradiada por muitos lampeões belgas dispostos symetricamente ao redor da sala e um silencio mysterioso de quasi meia noite no deserto, saturavam o ambiente «do templo Augusto de Thalm». Quinze ou vinte homens petrificados, emmudecidos e fartamente sentados nas cadeiras, como piedosos que esperam o sahimento d'um fereiro, formavam o auditorio. Além d'isso, mais nada, a não ser uma interrogação immensa, que vinha-me das profundezas d'alma: «Onde está todo esse povo? onde está toda essa civilisação? Como explicar essa Vasante acabrunhadora, n'esse velho "São Domingos", que eu vira sempre, cheio de vida, cheio de sociedade?» A todas estas perguntas que esvaiam-me nos labios, não encontrei uma resposta definitiva. O silencio dormente do salão emmudecido e a calva luzidia do mestre da musica, nada contaram-me. Entristeci de veras e ainda em pé com o braço molle, arranquei da cabeça o chapéo duro e n'um gesto de desalento deixei escapar dos labios um suspiro desalentado. Depois sentei me e com uma perna burguezmente montada sobre a outra, fui-me petrificando e assimilando-me a esse minuscuro audictorio do "São Domingos".

Suavemente, sem ruidos e sem obstaculos ergueu-se por fim o panno de scena e deu-se começo ao spectaculo. Muito emocionante o drama, muito bem ensaiados os personagens, muito regular a companhia. Houve tres mortes, uma no 1º acto, outra no 2º e uma outra no 4º. A primeira á panhal, a segunda por doença e a ultima á tiros. Muito emocionante; tudo como se fosse quasi que real.

A pesar de maguado e contristado pelo Vasante, não deixei de ir me electrizando pouco á pouco, a ponto de, quando cahiu, de vez, o panno, a annunciar nos o fim da representação, puz me a dar palmas e applaudi os actores; por mim pela fila de cadeiras, vasias que me ficava em frente e momente pela honra do "S. Domingos" que minha alma não podia tolerar assim tão vasio, tão triste.....

De volta para casa, com toda a minha vestimenta incontemplada, pelas ruas desertas, fui construindo uns longos raciocínios que me dessem a razão de ser da Vasante. Será a crise «que nos assoberba»? será o indifferntismo pela Arte? Será o cansaço de innumerous divertimentos, que fazem com que as familias, prefiram sumir se no abrigo das cobertas, nestas quentes noites de Setembro, a uma representação no S. Domingos?!

A essas tres perguntas respondi satisfatoriamente a crise não é, por que até eu já estive. A falta de amor

os cigarros, ou outra qualquer coisa.
Livro um tento, Alberto, e não se esqueça da gente.

EH! AH!

o é de saldanha, gerente do outro, resolveu nas horas vagas, ser cobrador de irmandades, e já no ultimo domingo annunciou a sua agencia cobradora. si elle fosse a... a... missa ganharia mais.

emfim, como temos bom coração, auguramos lhe bastante negocio; prevenindo-o de que... ora, de coisa nenhuma. eh! ah!

ESPECTACULO

Não tendo podido estrear no sabbado, por falta de concorrência, só estreou no domingo, a companhia dramatica Eduardo Rocha, com o emocionante drama *A Estrada do Crime* do actor Rocha.

A casa era pequena, mas, assim mesmo não faltaram palmas aos correctos artistas.

O publico applaudiu-os calorosamente chamando os a scena nos finais do 3º e 4º acto do drama.

Eduardo Rocha (*Pedro Guerin e Lord Eduardo Wilson*) J. Simões (*Jacob Guillet, Mestre Bernardo e John Bluter*) e D. Thereza Rocha (*Carlota e Rosa*) souberam conquistar as sympathias da platéa; e bem assim João Lino Alfredo (*Dardel e Petit Jon*) e Costa Queiroz (*Durand e Tio Matheus o bruxo*), que bastante auxiliaram os demais artistas no desempenho do bonito drama.

Terminou o espectáculo, com a engraçada cançoneta de Eduardo Rocha, cantada pelo mesmo *Um viuvo inconsolavel*, que trouxe a platéa em constante hilaridade, sendo elle chamado tres vez a scena e bisada em coplas finais, no meio dos mais calorosos applausos.

Para sabbado está annunciado o segundo espectáculo, sendo elle ao que nos consta, em beneficio da sociedade musical Vittorio Emanuel III, e no domingo verifica se o terceiro espectáculo, e para elles deve haver maior concorrência, pois que os correctos artistas, que modestamente se apresentam sem se fazerem precefer de espalhados aclamos, são merecedores do apoio do publico ytuano, sempre generoso para com os artistas, pois que estes, são dignos d'esse apoio, a prova está nos applausos espontaneos com que a platéa coroou o seu trabalho, no domingo.

—Consta-nos que foram contractados para a Companhia Eduardo Rocha os distinctas artistas D. Maria Azevedo e Arthur Azevedo.

Estrearão brevemente no grandioso drama *João José*, uma das modernas peças hespanholas de mais successo.

A distincta actriz D. Maria Azevedo encaregar-se-ha do papel de Rosa, um dos mais difíceis e trabalhosos do theatro moderno.

—No espectáculo de sabbado, subirá a scena o drama *Mil Trovões*, e a hilarian te comedia *Ciumes de uma Velha*, e o monologo, original de Eduardo Rocha; *Os mil de Garibaldi*, com uma apothose.

FORTE COISA

O jornal opposicionista ia ser empastellado no domingo segundo declarou ao expirar, na sua *ultima hora* (? ! !...)

Ora dá se, forte coisa.

RESTAURANT DO ALBERTO

Com a presença de grande numero de convidados, realisou se na noite de sabbado ultimo a inauguração do *Restaurant do Alberto*, sendo offerecida aos presentes, uma opipara ceia, preparada pelo enexcedível mestre de cozinha, Juvencio Virgilio, antigo proprietario do grande *Hotel dos Estados*, de Jundiaby.

O *Restaurant do Alberto*, tendo a frente um tão perito cosinheiro tem garantido a sua prosperidade; porque o Juvencio sabe o grande segredo da cozinha e todos os seus pratos são sempre apreciados.

N'essa ceia, onde predominou alem de outras iguarias o saboroso *Vatapá* como só sabe preparar o Juvencio, reinou a maior cordialidade, estando presente nella o escol da nossa sociedade; sendo o Alberto, e o Juvencio muitissimo felicitados.

As onze e meia da noite, mais ou menos, alguns musicos da corporação musical *Independencia 30 de Outubro*, que andaram em serenata, ao passarem pelo novo *restaurant*, foram convidados a entrar, e uma vez ahi, foi lhes offerecida a cerveja em profusão; deleitando nos os musicos, com bonitas peças musicas, sobresahindo uma peça que o auditorio baptisou a *sahé lasca!* que a pedido foi bisada.

Os musicos de que se compunha esse grupo, eram os senhores Joaquim Thomaz (bombardino) José Pereira de Macedo e Hildebrando Liborio, (clarinetos) Theodoro Pompéo e João Paulo Xavier (pistons) Luiz de Almeida Vaz (trompa) Francisco Borges (baixo) e Abilio (sax).

Eram quasi uma hora da noite, quando retiramo-nos, gratos pelas amabilidades do Alberto.

Terminando, auguramos ao *Restaurant Alberto*, muitas e muitas prosperidades,

e agradecemos a honra do convite, para assistirmos essa festança.

BARBARIA E CERVEJARIA

O *Republica*, esteve para ser empastellado no ultimo domingo, pela madrugada.

Isto é uma barbaria e cervejaria inqualificavel.

MOLEQUEIRA

Queixam-se algumas senhoras, de que aos domingos a tarde por occasião da reza do Bom Jesus um grupo de rapazes *engraçadinhos*, e de uma educação duvidosa pertubam com groçolas estupidas e até pesadas, as praticas religiosas.

No ultimo domingo, levaram a affronta ás familias ao ponto de estenderem o *Rio Nô*, no soalho da igreja, coisa que foi censurado por todas as familias presente.

Contaram-nos os nomes de todos e se aqui não publicamos, é na esperança de que elles comprehendam de que na igreja não e lugar de troça, e se não lhes predomina o espirito religioso, não vão lá perturbar os que tem creança, e vão com respeito e fé assistir a esses actos que ali se realisam aos domingos.

Para troça, ha tanto lugar menos a igreja, que deve ser respeitada, não só por ella como pela presença de familias.

U É!

O *Republica* ia ser empastellado? Assim soubemos pela sua *ultima hora* (? !)

Até parece agoiro

D. BRANDINA ANHAIA

Falleceu na segunda feira ultima na capital, com a idade de 63 annos, a Exma. Sra. D. Brandina Anhaia, natural d'esta cidade, e viuva do coronel Luiz Antonio de Anhaia, o fundador da fabrica de tecidos *S Luiz* d'esta cidade, que foi a primeira que funcionou no Estado.

A veneranda senhora, era progenitora dos senhores, doutores Luiz, Antonio e Octaviano Anhaia e dos senheres Herculano e Dario Anhaia, aos quaes apresentamos nossas sentidas condolencias.

MUDANÇA DE NOME

Para o aviso que faz pela secção livre d'esta folha o senhor Augusto Rodrigues da Silva, official de Justiça do Juizo de Direito d'esta comarca, chamamos a attenção dos leitores.

ESPECTACULO

No domingo, segundo sabemos, o espectáculo será em beneficio do *Asylo de Mendicidade de N. S. da Candelaria*, desta cidade; e os bilhetes para elle serão amanhã expostos a venda em varias estabelecimentos commerciaes e em poder de uma commissão que será nomeada para tal fim.

Secção Livre

Ao publico

Augusto Rodrigues da Silva, official de Justiça desta romarca, avisa ao publico e muito especialmente aos srs. advogados do fóro desta comarca que havendo pessoa de igual nome ao seu, passa de hoje em diante a assignar-se

AUGUSTO AVELINO DA SILVA.

Official de Justiça.

Ytu, 23 de Setembro de 1903.

Concertador e Afinador de Pianos

Vindo de Amparo, acha-se n'esta cidade o concertador e Afinador de Pianos, ANNIBAL PISTELLI; offerecendo as Exmas. familias os seus serviços profissionaes, garantindo o seu trabalho com a maxima perfeição e esmero.

Por preços razoaveis.

Pode ser procurado no Hotel do Sr. Atillio della Nina.

Ytu 19 de Setembro de 1903.

A. PISTELLI.

Companhia Ytuana Força e Luz

De ordem da Directoria, e de accordo com o art. 37 dos estatutos, convido os Srs. Accionistas a fazerem a segunda entrada de capital equivalente á 20 % do valor dos accões subscriptos, até o dia 25 do corrente.

Ytu, 8 de Setembro de 1903.

O PRESIDENTE

OCTAVIANO PEREIRA MENDES.

A Praça

O abaixo assignado, communica a esta praça e a de S. Paulo e as demais com quem tem tido transações; que e esta data vendem a sua Fabrica de Cerveja, sita a rua de Santa Cruz, n. 109, d'esta cidade; ao sr. Lepido Bardini; ficando a seu cargo todo activo e passivo da dita firma.

Ytu, 15 de Setembro de 1903

Antonio Duarte da Silva.

Successor de Guilherme & Duarte.

CONCORDO Lepido Bardini.

**Annuncios
Cocheira**

Aluga-se uma espaçosa, na rua da Palma.
Informações n'este escriptorio.

—Mas aonde que o senhor quer chegar?—perguntou d. Candido com nervoso accento.

—Peço-lhe um momento de socego.

E Leopoldo encostando se na cadeira, como quem quer contar uma historia ajunctou:

—Ha alguns annos, um marinheiro, tão atrevido como intelligente, um desses homens que jogam a vida com o sorriso nos labios, dedicava se nas costas de Guiné á escravatura dos negros.

D. Candido estremeceu a ponto de saltar da cadeira.

—Socegue, d. Candido.

—Oh! sim. Póde continuar, senhor—redarguiu o ex-capitão despedindo olhares scintilhante.

—O audaz aventureiro, cuja historia é longa de mais para a referir toda, não contente com comprar centenas de infelizes negros, teve um dia a infeliz lembrança de convidar um regulo a jantiar a bordo e depois de o embriagar junctamente com os seus companheiro mandou levantar ferro e levou como escravos aquelles que tinham confiado na sua palavra.

—Foi a condessa de Guayamo quem lhe contou essa historia, sr. marquez?—perguntou d. Candido fazendo esforços incriveis para se conter.

—Está enganado; quem m'a contou foi uma pessoa que chegou ha pouco da America. Porém eu não quiz dar credito a semelhante aventura, porque a ser certa...

—Que succederia?—atalhou d. Candido.

—Então vér me ia obrigado a dizer ao capitão do *Salvador* que me riscasse do numero dos seus amigos. Foi, por isso, sr. d. Candido, que lhe pedi esta entrevista, porque só o senhor é que me póde desvanecer as minhas duvidas.

—Sr. marquez ha historias que não se podem recordar sem perigo, e julgo que acaba de contar me uma dellas.

—E' uma ameaça?

—Só me limito a fazer uma advertencia que lhe póde ser proveitosa. Porém falemos sem rodeios; com que fim me referiu a sua historia?

—Com o fim de quebrar os laços que me unem ao protagonista della.

—E se fosse uma calumnia?—redarguiu d. Candido pensando em sua filha.

—Se me puder provar isso...

—E a minha palavra?

—Porém eu posso apresentar testemunhas que accusam o capitão

tive força nem resignação para soffrer tanto, e abandonei a minha casa. Sei que a sociedade ha de ser rigorosa com a minha conducta; não ignoro que se diz que o marquez é meu amante, porém que hei de fazer?...

—Mas a que vem isso?—perguntou Leopoldo.

—Não me interrompa, Leopoldo. A minha situação é bastante espinhosa; todos me apontam como uma mulher criminosa. Porém não é isso o que me obrigou a vir a esta entrevista, mas uma duvida que desejo se desvaneça ou se converta em realidade.

E Tula, fixando com vivo interesse os olhos em Leopoldo, ajunctou:

—D. Candido Sarmento veio visitar-me.

Este nome produziu no marquez um movimento de enfado. A condessa sorriu-se com tristeza, e proseguiu:

—E' verdade, veio visitar me, e, depois de termos conversado sobre diferentes coisas, disse me: «Querida condessa, antes de sair, quero dar lhe uma noticia que lhe deve ser grata. O marquez de Sarty pediu a mão de minha filha, e espero em breve convidal-a para madrinha do casamento, pois Amelia assim o deseja.»

Leopoldo quiz falar, porém Tula atalhou, dizendo lhe:

—Um momento, meu amigo: depois se desculpará.

Quando d. Candido terminou, calcule o effeito que aquella noticia me causaria. Com tudo pude dominar me e prometti lhe ser madrinha do casamento. D. Candido ouviu me sorrindo-se, e eu comprehendí que aquelle sorriso occultava uma segunda invenção.

—Pois bem, Tula—redarguiu Leopoldo.—D. Candido tem em parte razão, Quero ser franco com a senhora, pois chegou a hora de que terminem todos os segredos entre nós. Sim tinha pedido a mão de Amelia, porém posso jurar lhe que Amelia nunca será minha esposa, porque o marquez de Sarty não deve unir-se com a filha de um miseravel negreiro, de um homem infame que commetten toda a casta de traficancias nas costa de Guiné.

—E será verdade isso?—perguntou a condessa com assombro.

—Tenho ao meu serviço um negro que me contou uma parte da infame historia de d. Candido. Felizmente sorbe a tempo o passado daquelle que havia de ser meu sogro.

—Porém d. Candido e Luciano foram em outro tempo intimos amigos, e essa revelação faz me suspeitar...

—Que a bordo do *Salvador*, Luciano e d. Candido commetteram muitas infamias para se enriquecer.

—Meu Deus!—exclamou a condessa cobrindo o rosto com as mãos.

Tula, verdadeiramente sentida daquella revelação que lhe fazia

J. D. MARTINS

COMMISSARIO

Successor de MARTINS & OLIVEIRA

Praça Republica, n. 1

Caixa Postal, n. 193

ENDERECO TELEGRAPHICO: "ITARARÉ"

SANTOS

Representante e agente

Francisco Augusto de Oliveira

COM DEPOSITO DE SACCARIA NOVA E USADA

RUA S. BENEDICTO N. 2

AMPARO

N. B.—Boas classificações e optimas contas de venda
E' o systemada casa

Sem receio de contestação, pôde-se afirmar que a casa commissaria J. D. Martins:

ESFORÇA-SE QUANTO POSSIVEL PARA BEM SERVIR, procurando sempre corresponder á confiança que lhe é depositada;

Não especula em café;

LIMITA-SE EXCLUSIVAMENTE Á SUA COMMISSÃO E ENSAQUE;

NÃO TEM SOCIOS com quem deva repartir lucros, o que é uma INCONTESTAVEL VANTAGEM para os Surs. Committentes; finalmente, sempre tem prestado OPTIMAS CONTAS DE VENDA, de modo a satisfazer ainda mesmo aos freguezes mais exigentes.

Uma remessa apenas de algumas saccas, provará a exactidão do que fica dito.

Pedidos de saccos e mais informações: Dirigir-se ao Representante, ou directamente á casa.

EUREKA!

Pharmacia Souza



DE

SOUZA & COMP.

YTU'--RUA DO COMMERCIO, 115

(ANTIGA LOJA DO VEADO)

Completo sortimento de drogas, e productos chimicos e pharmaceuticos, nacionaes e estrangeiros.

Aviam-se receitas com promptidão e acceio a qualquer hora do dia ou da noite.

O estabelecimento acha-se sob a gerencia do pharmaceutico Irineu Augusto de Souza, que está actualmente residindo á rua do Commercio, n. 92; e onde pôde ser chamado a qualquer hora da noite.

Dr. Enrico Viscardi

—»«—

Medico—Cirurgico

Laureado pela Universidade de Pavia

(Italia)

Habilitado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

—»«—

Residencia—SALTO DE YTU'

FUMO

o que ha de superior, só é encontrado no ARMAZEM DO QUEIMA, a rua da Palma, n. 53

Martins de Oliveira & Marins

Fazenda a venda

Vende-se uma boa fazenda distante 1 legua desta cidade com boa caça de morada feita a tijollos, e 33 casas para colonos; tambem feitas a tijollos e boa machina de beneficiar café casa boa para administrador 130 mil pés de café sendo 20 mil de 2 annos e 110 produzindo, aguadas boas e grandes, pastos excellentes, todos cercados de arame, 2 carroças arreadas com animaes de primeira ordem; a quem pretender comprar pedimos enviar carta a

Viuva Almeida & Filhos.

Sorvete e gelo

Jacinto Lacerda, participa aos seus freguezes, e ao respeitavel publico em geral que de hoje em diante terá a venda sorvete de fructas, e bem assim gelo de primeira qualidade.

Rua do S. Cruz 95.

Papel de embrulho
5\$000 a arroba

quasi conhecer o passado de seu esposo, permanecia com o rosto coberto com as mãos e chorando.

Leopoldo aproveitou este momento, e depositou um beijo na fronte daquella mulher. Este beijo arrancou a condessa das suas reflexões e temendo ser debil ante aquelle que amava, levantou-se resolutamente e disse:

—Adeus, Leopoldo. Amo-o, é verdade, porém não posso nem devo ser sua amante.

E antes que o marquez tivesse tempo de a impedir, Tula saiu precipitadamente do gabinete.

O marquez, ainda meio surprehendido da conducta de Tula, quiz segui-la, porém, quando chegou á ante-sala não encontrou ninguem. Leopoldo ficou um momento indeciso, porém recuperando o seu sangue frio, disse:

—Deixei escapar uma occasião admiravel, não importa, ha de ser minha.

CAPITULO XL

—»—

O FINAL DE UM BAILE

Dinheiro, quando se possui com abundancia, tem o dom maravilhoso de adormecer os escrupulos e cobrir as manchas da honra com um manto que deslumbra a sociedade.

Ninguem sabia a procedencia dos immensos cabedades do banqueiro d. Candido Sarmento; porém, tão pouco ninguem se importava com isso. E quem é tão mentecapto, tão ridiculo que se occupe em averiguar donde veio o dinheiro que em um banquete mata a fome, desperta a alegria e satisfaz todas as necessidades dos gastronomos?

D. Candido, no dia em que abriu os seus salões, viu os cheios do mais escolhido e mais selecto da sociedade de Madrid, e não poucas damas, que alli ostentavam a sua formosura, invejavam os diamantes de Amelia Sarmento.

Contudo, alguns convidados notavam que a filha de D. Candido apesar dos milhões de seu pae, estava triste e andava mais pallida;

porém na noite que nos occupa, a physionomia da rica herdeira tinha-se reanimado á meia noite, hora em que o elegante marquez de Sarly se apresentou no salão do banqueiro.

Leopoldo foi saudar Amelia e em seguida seu pae.

—Que demonio tem feito, marquez?—disse d. Candido em voz baixa e pegando-lhe amigavelmente pelo braço.

—Tenho andado a concluir alguns assumptos de grande importancia para mim—respondeu o marquez.

D. Candido sorriu-se e ajunctou em tom de gracejo.

—Nem eu nem minha filha podemos explicar o seu retrahimento. Porém, vá, vá tranquillisar o espirito da sua promettida

—Primeiro, sr. d. Candido, queria ter uma conferencia comsigo sem testemunhas.

Leopoldo pronuncio estas palavras com tal seriedade, que o banqueiro olhou para elle com assombro.

—O marquez tornou com firmeza:

—Sr. d. Candido, antes de dirigir uma palavra a minha futura esposa preciso ter com o senhor certas explicações.

—Emfim, se tem muito empenho... vamos. Tenha a bondade de me seguir.

E d. Candido e Leopoldo saíram do salão, e dirigiram-se para o escriptorio do banqueiro.

Sarmento sentou-se em uma cadeira e indicou outra ao marquez dizendo:

—Fale, marquez; estou com impaciencia de o ouvir, pois suppenho da melhor importancia o que me tem a dizer.

—Effectivamente, pois tracta-se de desvanecer certos rumores que chegaram aos meus ouvidos, e que a serem certos, o meu enlace com a sua filha será então impossivel.

—Porém de que se trata?—perguntou o banqueiro espantado daquella intruducção.

—Deixando de parte a antiguidade dos meus pergaminhos e todas essas preoccupações que a sociedade moderna começa olhar com indifferença, creio que sem ser marquez, e só homem honrado, ninguem poderá taxar-me de exigente se antes de dar a mão á filha de um millionario procuro avariguar a procedencia dos milhões que ella traz em dote.

D. Candido empallideceu, temendo que aquella scena tivesse um desenlace desagradavel para sua filha.

—A filha de um commerciante honrado—tornou Leopoldo a dizer—pôde erguer com orgulho a fronte e casar com um principe, porque a virtude esta superior á nobreza de sangue.